



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Semana traz dados de atividade no Brasil e nas principais economias do mundo

Na agenda doméstica, o mercado monitora os resultados das *proxies* mensais do PIB de fevereiro para calibrar as expectativas para o desempenho da economia no 1º trimestre de 2024. O IBC-Br, índice de atividade econômica calculado pelo Banco Central, será divulgado na quarta (17) e deve mostrar alta de 0,4% em fevereiro, puxado pelo forte desempenho do varejo (+1,2%). Caso confirmado, o resultado deixará um carregamento estatístico de 1,5% para o indicador no 1º trimestre, reforçando a expectativa de um avanço mais robusto da atividade no período. Já o Monitor do PIB, calculado pela FGV, será divulgado na terça (16) e também deve mostrar alta no mês, impulsionada pelo consumo das famílias, pela ótica da demanda.

No campo inflacionário, o IGP-10 de abril deve seguir apontando uma dinâmica benigna dos preços no atacado. O índice será divulgado pela FGV na terça-feira (16) e deve mostrar deflação de 0,20% no mês, a terceira seguida. A queda deve ser puxada pela intensificação da deflação dos produtos industriais no atacado, especialmente do minério de ferro. Em 12 meses, o índice deve apresentar recuo de 3,70% (ante -4,05% em mar/24).

O mercado também acompanha as negociações sobre uma possível redução da meta fiscal de 2025, com o Projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (PLDO) devendo ser enviado ainda hoje (15) ao Congresso. Considerada pouco viável pelo mercado, diante das incertezas sobre a evolução da arrecadação (sem receita extra no radar), a expectativa é que o governo possa reduzir a meta fiscal de 2025, prevista em superávit de 0,5% do PIB, para um resultado primário entre 0% e 0,25% do PIB, possivelmente repetindo a meta estipulada para este ano (de 0%), que a princípio não deve ser alterada.

No cenário internacional, o mercado estará de olho nos desdobramentos da escalada de tensões envolvendo o conflito no Oriente Médio. Os primeiros desdobramentos parecem indicar uma preocupação dos principais atores envolvidos de evitar uma escalada da crise. De todo modo, a depender por exemplo da reação de Israel este alargamento significativo do conflito não pode ser afastado, o que poderia gerar um potencial deterioração dos mercados, com um possível movimento global de valorização da moeda americana e disparada do preço do petróleo, a exemplo do que vimos no fechamento da última semana.

Na agenda de indicadores internacionais, a semana traz os dados de atividade nas duas maiores economias do mundo. Destaque para o resultado do PIB da China do 1º trimestre, que será divulgado hoje (15) à noite. O mercado espera expansão de 4,8% ante o mesmo período de 2023, sinalizando uma acomodação do indicador ante alta de 5,2% observada no 4T23. Assim, o número deve vir um pouco abaixo da meta de crescimento estabelecida pelo governo para 2024 (5,0%), deixando cada vez mais evidente a dificuldade do crescimento econômico decolar no país desde o período da pandemia. Junto do PIB, serão divulgadas a produção industrial e as vendas no varejo, ambas referentes ao mês de março.

Nos EUA, o mercado estará de olho nos dados de março do varejo e da indústria. O resultado do varejo será conhecido ainda hoje (15), e a expectativa é de que o setor mostre crescimento de 0,4% no mês, acomodando após alta de 0,6% em fevereiro. O desempenho do setor será importante para entender a força do consumo das famílias no 1º trimestre, que vem sendo suportado por um mercado de trabalho ainda aquecido, o que tem dificultado o combate à inflação por parte do Fed. Já os números da indústria serão conhecidos na terça-feira (16), com expectativa de alta de 0,4% no mês. Durante a semana, também serão divulgados os dados do setor imobiliário e o Livro Bege, publicado pelo Fed.

Na Zona do Euro, destaque para a leitura final da inflação ao consumidor (CPI), que será divulgada na quarta-feira (17). O dado deve confirmar a prévia e desacelerar para 2,4% (ante 2,6%) em base anual, reforçando os sinais de acomodação da inflação no continente. Hoje (15) pela manhã, foi divulgada a produção industrial de fevereiro, que subiu 0,8%, devolvendo apenas parte da forte queda observada em jan/24 (-3,2%).

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
16/abr	FGV: IGP-10	Abr/24	-0,20% m/m -3,70% a/a	-0,17% m/m -4,05% a/a
16/abr	FGV: Monitor do PIB	Fev/24	-	0,1% m/m 4,1% a/a
17/abr	BCB: Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)	Fev/24	0,4% m/m 2,6% a/a	0,6% m/m 3,4% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
15/abr	Zona do Euro	Produção Industrial	Fev/24	0,8% m/m	-3,2% m/m
15/abr	EUA	Vendas no varejo	Mar/24	0,4% m/m	0,6% m/m
15/abr	China	PIB	1º tri/24	4,8% a/a	5,2% a/a
15/abr	China	Produção Industrial	Mar/24	6,6% a/a	7,0% a/a
15/abr	China	Vendas no varejo	Mar/24	5,4% a/a	5,5% a/a
16/abr	EUA	Construções de casas novas	Mar/24	-2,6% m/m	10,7% m/m
16/abr	EUA	Alvarás para novas construções	Mar/24	-0,9% m/m	2,4% m/m
16/abr	EUA	Produção Industrial	Mar/24	0,4% m/m	0,1% m/m
17/abr	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Mar/24 – final	2,4% a/a	2,6% a/a
17/abr	EUA	Livro Bege	-	-	-
18/abr	EUA	Vendas de casas existentes	Mar/24	-4,1% a/a	9,5% a/a

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

Inflação de março traz boas notícias, mas preços dos serviços ainda preocupam

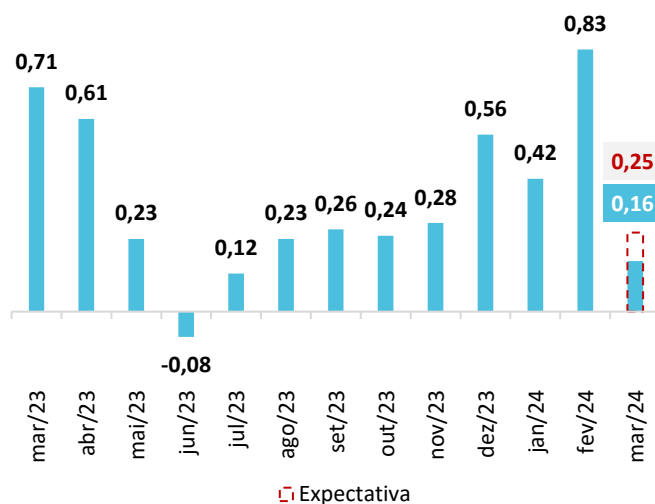
A inflação (IPCA) subiu 0,16% em março, abaixo do esperado pelo mercado (+0,25%) e do observado no mês anterior (+0,83%). Com o bom resultado, o índice desacelerou de 4,50% para 3,93% em 12 meses, menor patamar desde jun/23. A leitura também trouxe uma composição benigna do ponto de vista qualitativo, com exceção dos serviços subjacentes, que seguem pressionados e mantendo-se como ponto de preocupação, demandando cautela por parte do Copom.

A menor variação ante o mês anterior refletiu a dissipação das pressões vindas dos alimentos, dos combustíveis e do grupo educação. Os preços dos alimentos consumidos no domicílio seguiram perdendo fôlego, passando de 1,12% em fevereiro para 0,59% em março, embora ainda respondendo por 57% da inflação do mês. No caso dos combustíveis, destaque para a menor variação da gasolina (de 2,93% para 0,21%), passado o efeito da reoneração do ICMS que voltou a incidir em fevereiro. Ainda no grupo transportes, vale destacar a 3ª queda mensal seguida dos preços das passagens aéreas (-9,14%). Já no grupo educação, a variação despencou de 4,98% para 0,14%, com o fim da pressão anual dos gastos no grupo (reajustes escolares que ocorrem no início do ano letivo). A leitura também mostrou nova queda do grupo artigos de residência (-0,04%) e ligeiro avanço do grupo vestuário (0,03%), contribuindo para manter a dinâmica benigna da inflação dos itens industriais.

Do ponto de vista qualitativo, as notícias vieram quase todas em tom positivo. No caso, vimos uma inflação menos espalhada, com o índice de difusão recuando para 55,7% (ante 57,0%), enquanto a média dos núcleos seguiu perdendo força, de 4,01% para 3,79% (no acumulado em 12 meses). O problema, no entanto, seguiu com a inflação dos serviços subjacentes, que voltou a acelerar, de 4,89% para 4,99%, pressionada especialmente pelos serviços ligados à mão de obra, reflexo de um mercado de trabalho aquecido.

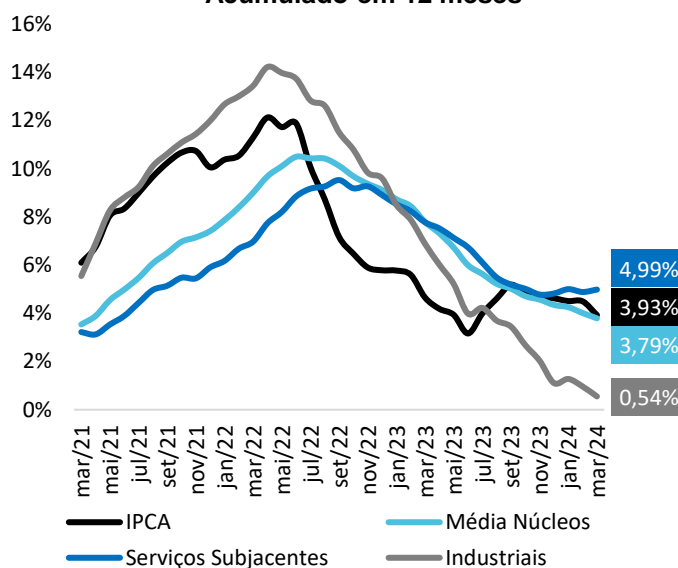
No geral, apesar de algumas boas notícias, o cenário ainda inspira cautela por parte do Copom, indo mais na direção de reduzir o espaço para o corte de juros do que ampliá-lo. Neste sentido, vale destacar o CPI acima do esperado nos EUA, gerando a (nova) expectativa de que os juros devam demorar mais para começar a cair por lá, o que também direciona para uma posição mais cautelosa do Copom, ainda que os documentos oficiais enfatizem que não há relação mecânica entre as políticas monetárias.

Quadro 1: IPCA – Var. % mensal



Fonte: IBGE

Quadro 2: IPCA e Aberturas – Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE

No âmbito da atividade, os indicadores setoriais vieram em tom misto em fevereiro, com forte alta do varejo e algum rebote do setor de serviços. Em conjunto, os números sugerem um avanço robusto do PIB no 1º trimestre, mantendo a visão de que a economia se mostra aquecida neste início do ano, notadamente impulsionada pelo consumo das famílias. Assim, mantém-se o viés de alta nas projeções para o crescimento em 2024, que pode superar os 2%.

As vendas no varejo (ampliado) avançaram 1,2% em fevereiro, surpreendendo positivamente o mercado, que esperava recuo de 0,8%. Esta foi a 2ª alta mensal seguida, que ainda contou com uma revisão positiva do dado de janeiro (de +2,4% para 2,8%), deixando um número ainda melhor para o desempenho do setor no 1º trimestre, com o *carry over* apontando crescimento de 3,0% no período.

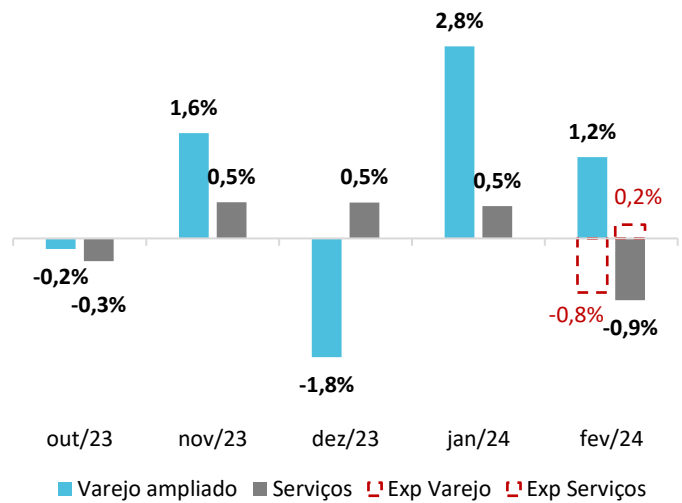
No mês, o predomínio foi de taxas positivas, com 7 das 10 atividades analisadas avançando. Destaque para a nova alta das vendas de veículos (+3,9%), a 2ª seguida, segmento de importante peso no setor e que tem se beneficiado das melhores condições de financiamento (queda da taxa de juros). Outras importantes altas vieram das vendas de artigos farmacêuticos (+9,9%), móveis e eletrodomésticos (+1,2%) e outros artigos (+4,8%). No campo negativo, o maior recuo ocorreu nas vendas de combustíveis (-2,7%). As vendas nos supermercados também retraíram (-0,2%), embora, neste caso, apenas mostrando uma acomodação após 7 altas nos últimos 8 meses.

No geral, os números do varejo voltaram a surpreender positivamente, sinalizando um ganho de tração do consumo no início deste ano, impulsionado pelo aumento da renda disponível das famílias (reajuste dos salários, aumento da ocupação e pagamento de precatórios) e expansão do crédito.

Na contramão, o setor de serviços frustrou ao retrain 0,9% em fevereiro, ante expectativa de alta de 0,2%. Parte do resultado ruim reflete uma compensação após três meses seguidos de avanço, não sinalizando uma tendência de queda para o setor à frente, que deve seguir impulsionado pelo bom desempenho do mercado de trabalho. Neste sentido, a despeito do recuo no mês, o resultado ainda deixou uma herança estatística positiva para o setor no 1º trimestre, de 0,4%.

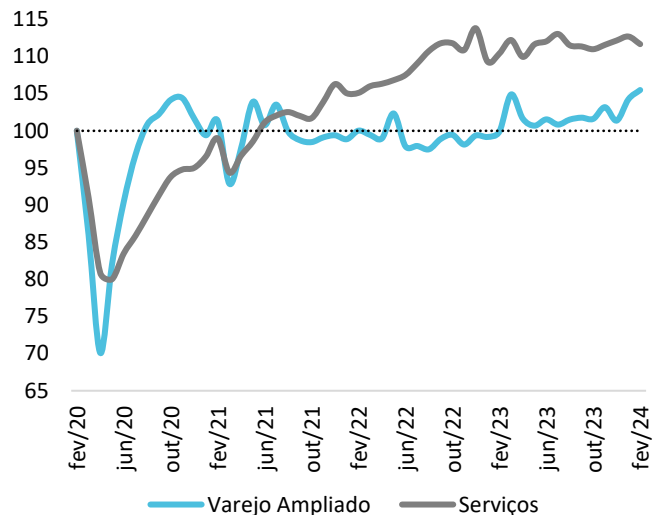
No mês, a queda foi disseminada em 4 das 5 atividades. O maior recuo foi nos serviços profissionais (-1,9%), refletindo, em boa parte, o menor volume de atividades jurídicas relacionadas aos pagamentos de precatórios. Os serviços de transportes, de importante peso no setor, também recuaram (-0,9%), após avançar nos últimos 2 meses. O único avanço ocorreu nos serviços prestados às famílias (+0,4%), reforçando a leitura de que o consumo deve impulsionar a atividade econômica no 1º trimestre.

Quadro 3: Varejo Ampliado e Serviços – Var.% mensal



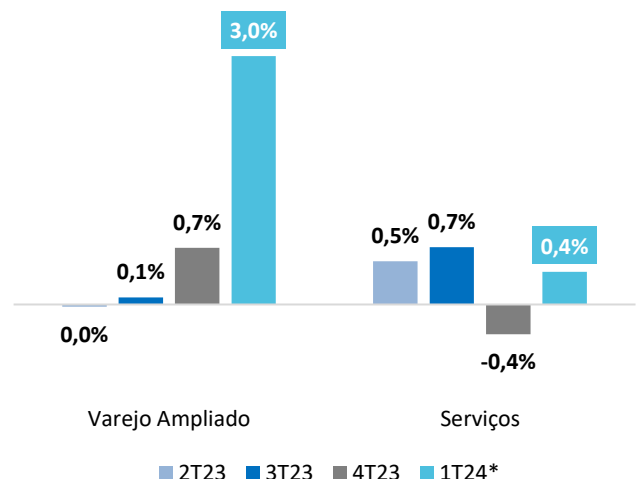
Fonte: IBGE

Quadro 4: Varejo Ampliado e Serviços – Séries com ajuste sazonal (fev/20 = Base 100)



Fonte: IBGE

Quadro 5: Varejo Ampliado e Serviços – Var.% trimestral (T/T-1) e Carry Over 1T24*



Fonte: IBGE

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

CPI acima do esperado adia as apostas para o início do corte de juros nos EUA

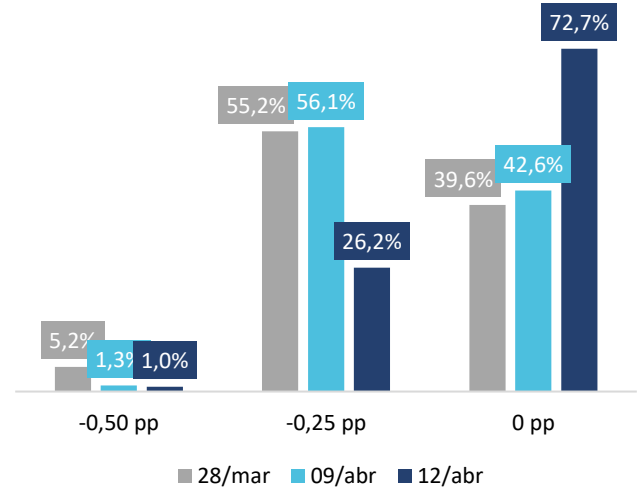
A semana fechou em terreno negativo nas principais bolsas e índices dos EUA após novas tensões surgirem no Oriente Médio, com a possibilidade (posteriormente confirmada) de ataque do Irã a Israel, além dos dados mais salgados da inflação ao consumidor (CPI). A preocupação com uma inflação mais persistente, por sinal, fez com que os agentes abandonassem as apostas de um início do corte de juros em junho. Outro destaque da semana foi o início da temporada de balanços corporativos nos EUA, com a divulgação dos resultados de alguns dos principais bancos, cujos desempenhos vieram melhores que o esperado (ver [páginas 7 e 8](#)).

O CPI americano subiu 0,4% em março, acima do esperado (+0,3%). A alta foi especialmente puxada pela gasolina (+1,7%), transporte (+1,5%) e eletricidade (+0,9%), mas com as pressões inflacionárias se mostrando disseminadas. O núcleo do indicador, que desconsidera os itens mais voláteis, também veio acima do esperado (+0,4%, ante expectativa de 0,3%), com destaque para a alta no preço dos aluguéis (+0,5%), que é acompanhado de perto pelos agentes. Com isso, o indicador voltou a acelerar em 12 meses, passando de 3,2% para 3,5%, sinalizando que a inflação segue pressionada no país, o que reforça a necessidade de cautela na condução da política monetária por parte do Fed. Os preços ao produtor (PPI), por sua vez, trouxeram algum alento ao subir 0,2% em março, abaixo do consenso (+0,3%). Em 12 meses, no entanto, o PPI acelerou para 2,1% (ante 1,6%).

A semana também trouxe a ata da última reunião do Fed, que, sem muitas novidades, confirmou que os juros serão mantidos em patamares altos até que o Colegiado ganhe mais confiança sobre a desaceleração da inflação em seu caminho para a meta (de 2,0% aa). O documento reiterou as expectativas de iniciar o ciclo ainda este ano, mas os dados recentes de inflação e do mercado de trabalho devem contribuir para adiar o início do ciclo. Interessante notar que, em linha com a surpresa altista do CPI na semana, alguns membros já aguardavam algum desequilíbrio no processo de desinflação no país.

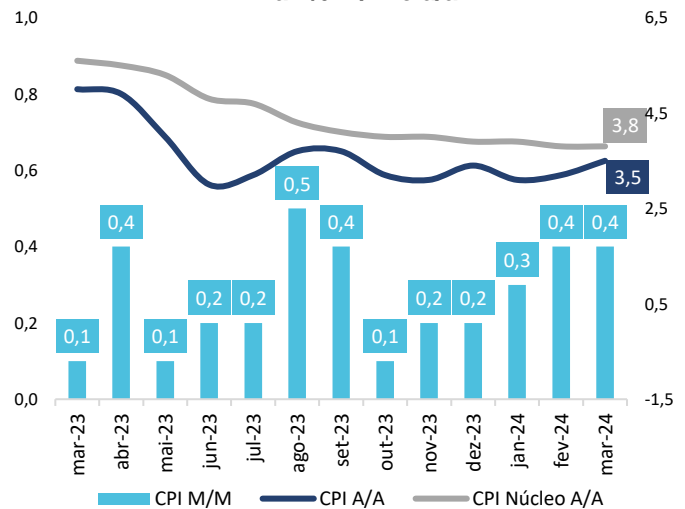
Na Zona do Euro, o BCE manteve as taxas de juros inalteradas em 4,50% aa pela 5ª vez seguida, conforme esperado. A autarquia comunicou que o aperto monetário tem desacelerado os preços, mas que ainda existem pressões nos itens de serviços. Christine Lagarde, presidente do BCE, destacou que espera um processo de desinflação não linear, com alguns solavancos, mas confirmou que o início do ciclo de corte de juros pode acontecer em junho.

Quadro 6: Evolução da probabilidade de redução dos juros pelo Fed na reunião de junho



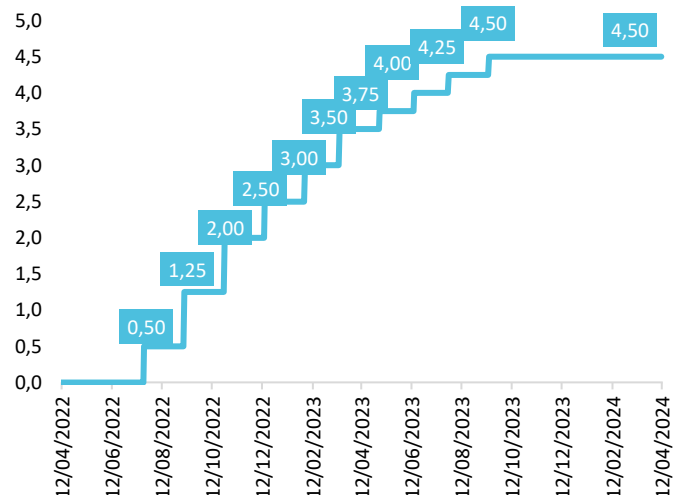
Fonte: CME Group.

Quadro 7: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI) Var.% m/m e a/a



Fonte: Bloomberg.

Quadro 8: Zona do Euro – Taxa de Refinanciamento (em % aa)



Fonte: Bloomberg.

Boletim do Mercado de Capitais Anbima – Mar/24

CRÉDITO / BANCOS

O volume de captações no mercado de capitais doméstico somou R\$ 66,0 bilhões em março, segundo a Anbima. Ajustado pela inflação, esse foi o maior resultado para o mês desde o início da série histórica (disponível a partir de 2018), reforçando a leitura de retomada do segmento, que ocorre desde o 2º semestre do ano passado, após o turbulento período envolvendo os pedidos de recuperação judicial de grandes empresas (como Americanas e Light).

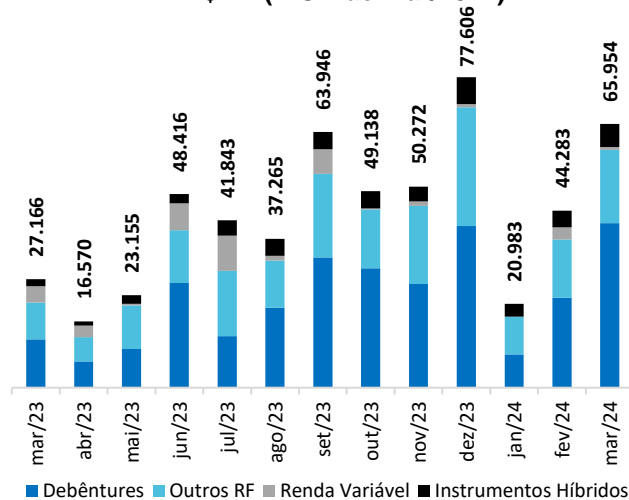
Em termos reais, o volume de captações mostrou crescimento expressivo no comparativo mensal (+48,9%) e, principalmente, no comparativo anual (+142,8%), neste caso impulsionada pela fraca base de comparação.

Na análise por instrumentos, a melhora ante mar/23 foi disseminada, com destaque para o maior volume de captações das debêntures (+239,0%), que mais do que triplicaram de valor, somando R\$ 41,3 bi (recorde mensal) e representando 62% do volume captado no mês. Os demais instrumentos de renda fixa (CRIs, CRAs e FIDCs) também mostraram desempenho forte, praticamente dobrando o volume (+99,1%). Segundo a Anbima, esse resultado ainda não reflete as recentes alterações que endureceram as regras para a emissão de CRIs e CRAs, dado que muitas empresas já tinham protocolado as ofertas. Para os próximos meses, no entanto, a expectativa é que parte das empresas que antes emitiam tais certificados migrem para debêntures institucionais. As emissões de renda variável, por sua vez, retraíram 82,5% no ano, e seguem concentradas nas operações de *follow-on*, sem registrar nenhuma oferta primária de ações (IPOs).

No acumulado do 1º trimestre, as captações (ajustadas pela inflação) atingiram R\$ 131,2 bi, bem acima (+82,5%) do observado no 1T23 (R\$ 71,9 bi), quando o mercado sofreu com os pedidos de RJ, mas também superior (+11,9%) ao registrado no 1T22 (R\$ 117,2 bi). A melhora foi puxada pelo desempenho da renda fixa, especialmente das debêntures, mas com bom desempenho também observado nos instrumentos híbridos (FIIs e FIAGRO), que totalizaram R\$ 13,1 bi no trimestre, bem acima do registrado no mesmo período em 2023 (+74,3%) e em 2022 (+167,6%).

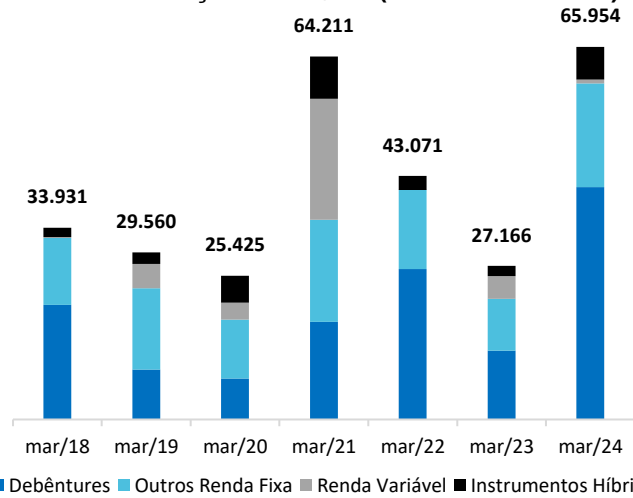
Para os próximos meses, a expectativa é que o mercado de capitais siga aquecido, com o volume de captações impulsionado pelo ciclo de queda da taxa Selic. Assim, o segmento deve se manter como uma importante fonte de financiamento para as empresas, especialmente para as grandes, em complemento ao crédito bancário.

**Quadro 9: Captação no Mercado de Capitais
Em R\$ mi (IPCA de mar/2024)**



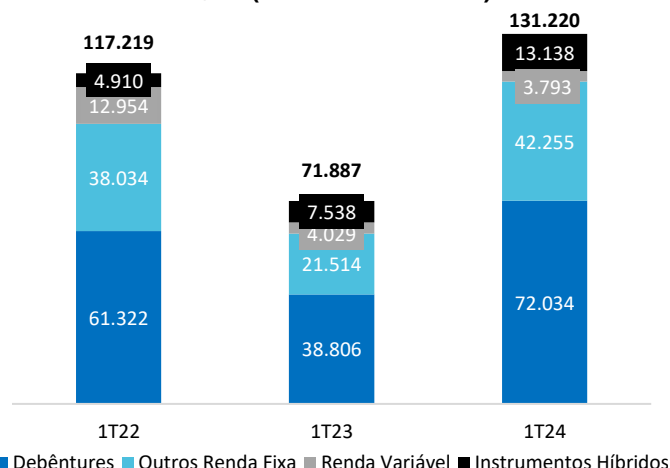
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 10: Captação no Mercado de Capitais
Meses de Março - Em R\$ mi (IPCA de mar/2024)**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 11: Volume de captação do 1º trimestre
R\$ bi (IPCA de mar/2024)**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 1º tri/24

CRÉDITO / BANCOS

Na última sexta (12), três dos principais bancos de varejo dos EUA divulgaram seus resultados do 1º trimestre de 2024. As divulgações mostraram que o ambiente de juros altos segue beneficiando as receitas advindas dos juros (*interest income*), porém já pressionando as margens, com clientes migrando para depósitos com remunerações maiores. As provisões para devedores duvidosos (PDD), por sua vez, recuaram no trimestre, embora com ponto de atenção na linha de cartão de crédito. Vale destacar que os bancos seguiram reportando pagamentos ao FDIC (*Federal Deposit Insurance Corporation*), fundo que garante os depósitos bancários nos EUA, em função da quebra do Silicon Valley Bank e do Signature Bank em março de 2023. O BofA divulga seus resultados nesta terça (16).

Quadro 12: Indicadores Financeiros dos Principais Bancos dos EUA no 1º tri/24

Indicadores	JP Morgan	Citi	Wells Fargo
Lucro Líquido US\$ bi	13,4	3,4	4,6
Lucro por Ação Divulgado / Ajustado* (expectativa)	4,44 / 4,63* (4,11)	1,58 / 1,86* (1,23)	1,20 / 1,26* (1,11)
ROE anualizado (trimestre)	17,0%	6,6%	10,5%
Receita US\$ bi	42,5	21,1	20,9
Despesas com PDD US\$ bi (- = liberação de PDD)	1,9	2,4	0,9
Carteira de Crédito US\$ bi	1.309,6	674,6	922,8

JP MORGAN: O banco registrou lucro líquido de US\$ 13,4 bi (ou US\$ 4,44 por ação) no 1T24, o que corresponde a altas de 44,2% no tri e 6,3% ante o 1T23, beneficiado por maiores receitas e menor custo de crédito. Ainda que positivo, o resultado foi negativamente impactado pelo pagamento de encargo, no valor de US\$ 725 mi, a fim de cobrir a taxa especial com o FDIC. Sem esse efeito, o resultado teria sido de US\$ 4,63 por ação. De todo modo, o lucro por ação ficou acima do que era esperado pelos analistas (US\$ 4,11). Com o resultado, o ROE anualizado atingiu 17,0% no 1T24, subindo 5,0 pp ante o 4T23, mas caindo 1,0 pp no ano. Já as receitas totalizaram US\$ 42,5 bi no trimestre, acima do esperado (US\$ 41,9 bi), com alta de 8,2% ante o 1T23. O bom resultado segue sendo puxado pelas receitas provenientes de juros (*interest income*), que subiram 28,2% em 12 meses.

Dentre os segmentos, o varejo (41% da receita total) viu sua receita subir 7,3% ante o 1T23, muito em função da contribuição do First Republic, banco regional adquirido pelo JP durante a crise bancária no país (sem a subsidiária, a alta teria sido de apenas 1%). Outro avanço relevante das receitas (+12,5%) veio do banco comercial, que contou com boas receitas de serviços e taxas. Do lado dos custos, a PDD atingiu US\$ 1,9 bi no trimestre, caindo 17,2% ante o mesmo período do ano anterior, com as atenções voltadas para o segmento de cartão de crédito. As despesas operacionais também subiram em um ano (+13,2%, ou 9,0% sem o First Republic), em função dos custos com o FDIC e maiores gastos com pessoal. Por fim, a carteira de crédito do banco, a maior dos EUA, atingiu US\$ 1.309,6 bi, com alta de 16,0% ante o 1T23, também em função da incorporação do First Republic.

CITI: O banco registrou lucro de US\$ 3,4 bi no trimestre, ou US\$ 1,58 por ação, acima da estimativa dos analistas, de US\$ 1,23. O resultado reverteu o prejuízo do 4T23 (US\$ -1,8 bi), marcado pelo ponto alto da reestruturação da IF, mas ainda 26,8% abaixo do lucro no 1T23, em função das maiores despesas e custo de crédito. O banco também teve gastos com o FDIC (US\$ 251 mi) e custos não recorrentes de reestruturação e desinvestimentos (US\$ 483 mi). Sem tais impactos, o lucro por ação teria sido de US\$ 1,86.

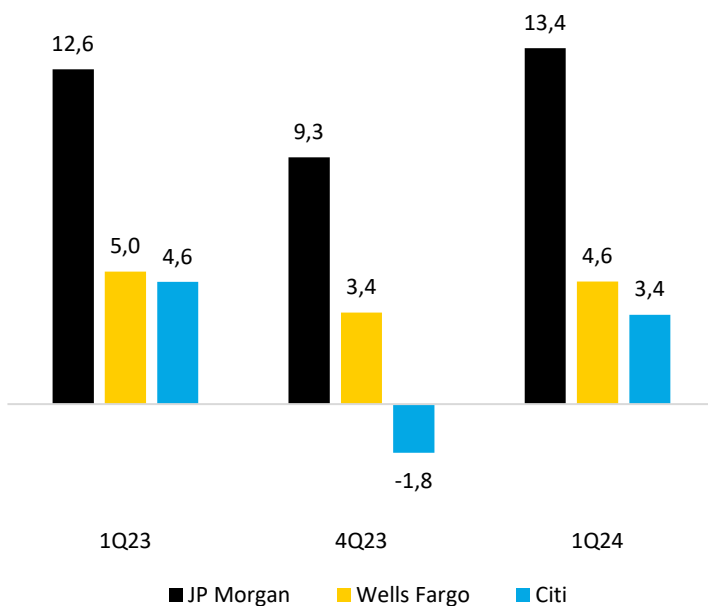
Já a receita total foi de US\$ 21,1 bi no trimestre, acima do esperado (US\$ 20,4 bi), mas com leve queda em 12 meses (-1,6%), puxada pelos menores ganhos com negociações em renda fixa (-10,2%), ainda que parcialmente compensada pelos maiores ganhos com o banco de investimento (+35,4%). Do lado dos custos, a PDD totalizou US\$ 2,4 bi (+19,7% ante o 1T23), que, assim como para seus pares, foi puxada pelas perdas com cartão de crédito. Já a carteira de crédito subiu 3,5% em 12 meses, atingindo US\$ 674,6 bi no 1T24.

Resultado Financeiro dos Bancos Norte-Americanos – 4º tri/22

WELLS FARGO: O banco registrou lucro líquido de US\$ 4,9 bi no 1º trimestre, o que corresponde a uma alta de 34,0% no tri e queda de 7,5% em 12 meses. O lucro por ação foi de US\$ 1,20, porém, descontando o impacto negativo (US\$ 284 mi) de encargos relacionados ao FDIC, o número seria de US\$ 1,26, em ambos os casos acima do estimado pelos analistas (US\$ 1,11 por ação). Com o resultado, o ROE anualizado atingiu 10,5%, recuando no comparativo anual (-1,2 pp), mas melhorando no trimestre (+2,9 pp).

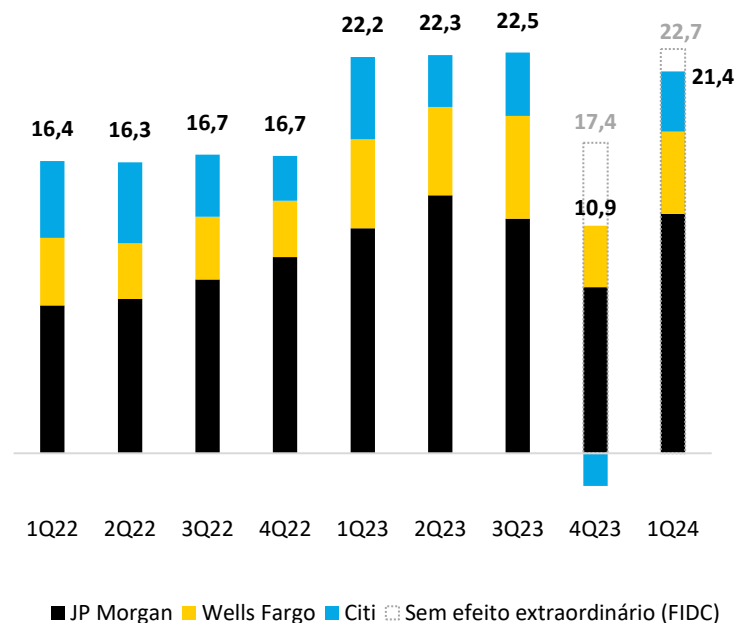
A receita total atingiu US\$ 20,9 bi, ligeiramente acima do esperado (US\$ 20,2 bi) e praticamente estável (+0,6%) no comparativo ante o 1T23. O segmento mais relevante do banco, o varejo ao consumidor (que responde por 44% da receita total da IF), registrou queda de 2,9% das receitas no período. Outra queda importante veio das receitas líquidas advindas de juros (*net interest income*), que caíram tanto no comparativo trimestral (-4,3%) como em 12 meses (-8,3%). Segundo o banco, tal queda decorre dos maiores custos de *funding*, em meio à migração dos depósitos de clientes para produtos com maior remuneração diante do cenário de juros mais altos no país. Já a PDD ficou em US\$ 938 mi, recuando 22,3% em um ano, em função de menores perdas esperadas em crédito imobiliário comercial, segmento que está no foco das atenções. Tal queda foi parcialmente compensada por maiores perdas esperadas no segmento de cartão de crédito. Por fim, a carteira de crédito do banco atingiu US\$ 922,8 bi, recuando 2,7% no ano.

Quadro 13: Lucro Líquido por trimestre
Em US\$ bilhões



Fonte: Balanço dos Bancos. Elaboração: Febraban.

Quadro 14: Lucro Líquido Agregado das IFs
(JP Morgan, Citi e Wells Fargo) – Em US\$ bilhões



Fonte: Balanço dos Bancos. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

Indicadores do Mercado	12/04/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,12	1,02%	2,08%	5,37%	3,87%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	152,78	2,75%	11,38%	15,34%	-30,39%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,53	-0,78%	-1,24%	-9,63%	-22,82%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	10,06	1,09%	2,25%	0,24%	-20,77%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	11,17	1,53%	4,36%	10,86%	-5,94%
Índice Ibovespa (em pontos)	125.946,09	-0,67%	-1,69%	-6,14%	18,31%
IFNC (setor financeiro)	12.920,40	-1,43%	-2,28%	-6,40%	24,19%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	10,00%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,90	3,08%	5,99%	15,22%	23,39%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,52	2,73%	7,65%	16,56%	31,25%
Dollar Index	106,04	1,67%	1,43%	4,64%	4,98%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.123,41	-1,56%	-2,49%	7,41%	23,57%
Índice de ações de bancos – EUA	94,81	-3,44%	-7,26%	-13,43%	4,18%
Índice Euro Stoxx 50	4.955,01	-1,19%	-2,53%	9,59%	13,56%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	137,29	-2,58%	-1,45%	16,00%	31,15%
Barrel de Petróleo - tipo Brent (US\$)	90,45	-0,79%	3,40%	17,41%	5,06%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira